

Este catálogo traz o registro da exposição *Martelo TACO TACO* (2023), a qual reuniu artistas que cursam a Graduação (Bacharelado e Licenciatura) e a Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Artes Visuais (PPGAV) no Instituto de Artes da UFRGS.

Com muita alegria apresento os/as artistas Alice Caumo, Ali Galant, Ana Janaína Perufe, Du Ribeiro, Gawain Spareman, Gabi Silva, Guilherme Dias, Lara Amaro, Lucas Strey, Manoela Furtado, João Arthur Moroni, Sofia Kafruni, Taks, Tiago Gasperin, Tiago Josefiaki, William Figueiredo e Yasmin Schlupmann, que compartilham os seus excelentes trabalhos conosco. E agradeço aos/as artistas João Vitor Lemos que foi incansável na ajuda aos colegas durante a montagem da exposição junto com a Manoela Furtado e a Bruna Freitas pela organização e realização do catálogo da exposição.

Os trabalhos realizados tiveram como foco a tridimensionalidade e os espaços como lugares de contextualização desde a concepção das obras até a sua exposição pública, que teve um espaço expositivo complexo, o qual se colocou como mais um desafio, entre outros, para os envolvidos.

O pensamento poético prevalece e é perceptível em cada detalhe através das diferentes pesquisas apresentadas, as quais abordam materialidades, ocupação e apropriação de espaços na qualidade daquilo que é diverso e múltiplo e, por fim, prevalece a qualidade do processo construído coletivamente ao longo do semestre.

Sucesso a todos e todas envolvidas nesta atividade que por fim é muitas vezes a razão do artista, ou seja, compartilhar junto a sociedade a sua produção poética!

Tetê Barachini
agosto/2023

Marcelo? Celo! Celo? Não, Martelo. Taco, taco, taco, taco, taco, tacotacotacotactat... Num novo nascimento, histórias diferentes se repetem, contam causos sobre fazer pela primeira vez ações que já foram feitas. Os fins sempre os mesmos: a gente constrói para destruir, destrói para recomeçar, atrasa a obra e monta um quebra-cabeça antigo com a esperança de que todas as peças continuem ali.

Este pequeno grande texto feito pelo artista João Arthur Moroni, com colaboração de Alice Caumo e Tiago Gasperin, é um dos pontos iniciais de nossa exposição, pois localizou, em nossos diversos e às vezes caóticos trabalhos, semelhanças, ainda nas fases germinativas da criação.

Nós artistas, alguns de primeira viagem, fomos desafiados a montar essa exposição em maio de 2023. Exploramos e extrapolamos nossos trabalhos para o meio tridimensional: alguns foram resgatados, repensados, ressignificados, outros são obras inéditas. Colocados no papel de curadores e artistas, tivemos a oportunidade de acompanhar o processo criativo de cada integrante e ao mesmo tempo vivenciar o nosso próprio desenvolvimento. Assim, percebemos que este percurso proporcionou, a todos os participantes desta exposição, a descoberta de novas possibilidades dentro do tridimensional e muitas reflexões sobre a nossa poética como artistas.

O martelo simbólico do título dá espaço ao martelo literal, que coloca e tira pregos, experimenta, troca de ideia e de lugar. O local expositivo abre as portas do seu segundo piso para abrigar as obras das mais diversas formas. A montagem transformou os trabalhos, o que antes era individual se tornou coletivo, isso significou dias de pensar e repensar sobre como as obras dialogam com suas parceiras de exposição, e a maneira mais eficaz de transmitir aquilo idealizado pelos artistas.

Foi através do desafio e do “aprender fazendo” que esta exposição coletiva se concretizou e estamos muito orgulhosos de poder apresentar o nosso trabalho ao público.

Ana Janaína Peruffo
Lara Amaro
TAKS
agosto/2023



ALI GALANT (Porto Alegre, 1995)

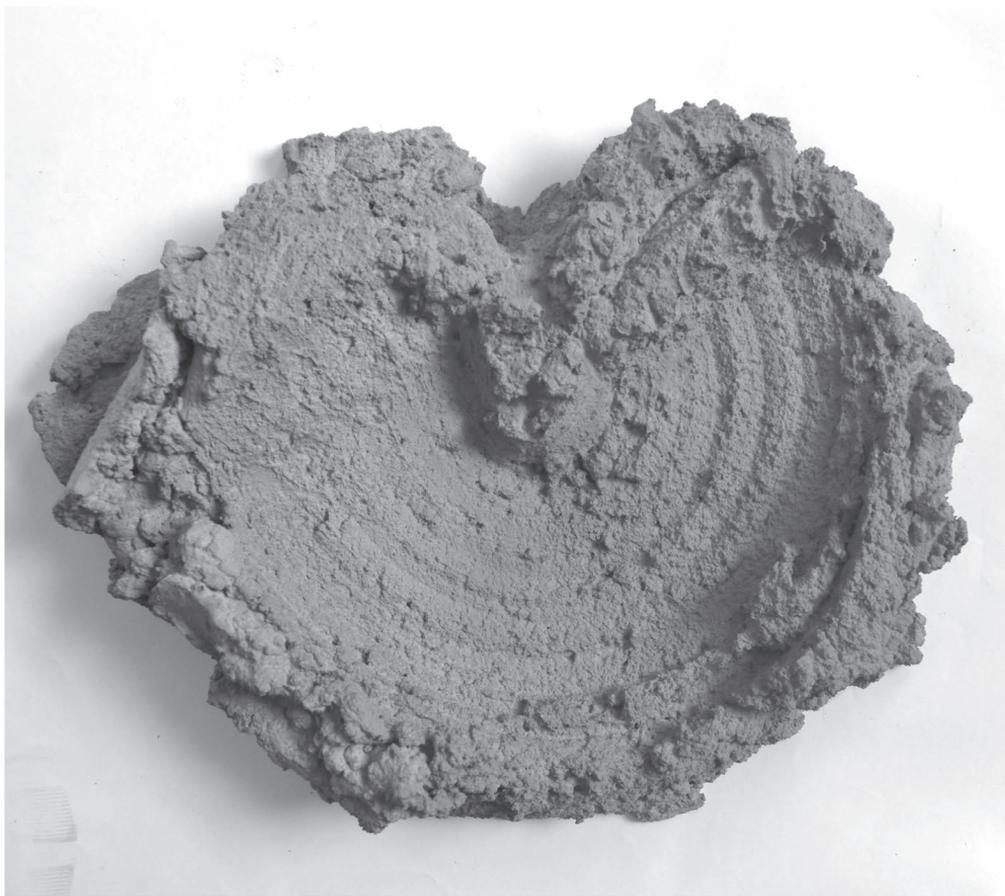
Durante a minha trajetória passei por muitos interesses e graduações e hoje em dia sou artista, o que faz muito sentido na minha opinião. Venho me afeiçoando pela impressão 3D e tenho brincado com essa tecnologia enquanto penso sobre repetição, ocupação e o plástico dentro de toda sua materialidade.

Foi pensando em ocupação que idealizei essa série de sapos que se espalham e ocupam sem pedir permissão, espécie invasora que levada a terras estrangeiras não se intimida e toma conta, se reproduz, se espalha, impossível de ser contida. Foram impressos na minha casa de 2 em 2, virou rotina por um tempo. Todo dia tinha 2 sapos novos dentro do meu espaço, número pequeno mas que repetido e repetido fica grande. Hoje tenho uns 50, todos verdinhos, de plástico e todos iguais, prontos para se espalhar onde eu decidisse colocá-los.

Para me ocupar, 2023. Impressão em plástico PLA. 60 peças de 4,6 x 4,6 x 6,6 cm. Fotografia Ali Galant.







ALICE CAUMO (Maquiné, 1999)

Reside, estuda e trabalha em Porto Alegre e está se formando como Bacharel em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS. Atua nas áreas de muralismo, pintura, desenho e design.

Seu trabalho artístico explora a massa, a materialidade e as cores. Simula ironicamente pinceladas dinâmicas de tinta usando materiais pesados como o concreto, assim situando esses objetos artísticos entre restos de construções encontrados na rua e obras de arte com processos de criação desvendados delicadamente.

Pinceladas, 2023. Concreto, brita leve, tinta acrílica, tinta spray e verniz. Dimensões variadas.
Fotografia Alice Caumo; João Arthur Moroni.







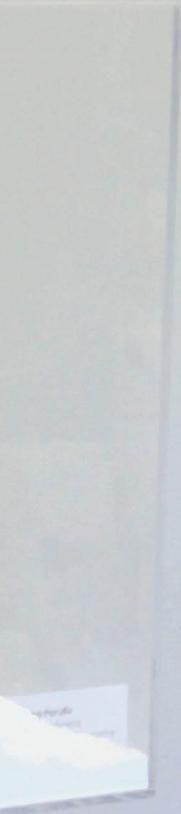
ANA JANAÍNA PERUFO (Porto Alegre, 2002)

Atualmente é discente de graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS. Participou da exposição Prova de Artista (2023) realizada pelo Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) no Espaço Evelyn Ioschpe, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em xilogravura, desenho, bordado e ultimamente está explorando o tridimensional. Seus trabalhos refletem temas narrativos, sempre partindo de memórias afetivas.

Quando pequena sempre via minhas bonecas como uma extensão de mim, a imaginação fluía e dava vida a estes objetos, criava personalidades e possibilidades, e de alguma forma vivenciei minhas próprias histórias. Com o tempo perdi esse elo, perdi a conexão. Não consigo transmitir minha imaginação a uma boneca, mas sempre que as vejo me lembro desses momentos. Memórias são frágeis, sem manutenção e um certo cuidado as perdemos no esquecimento. Apesar de zelar por elas, o tempo passa, nossa compreensão muda e assim ganham uma nova forma. Hoje minha boneca, frágil porém maleável, diz muito sobre minhas memórias e suas constantes transformações.

Memória de cerâmica, 2023. Argila, gesso, elástico e arame. 30 x 30 x 30 cm.
Fotografia André Netto; João Arthur Moroni.







DU RIBEIRO (Porto Alegre, 1998)

Artista Visual, estudante de Bacharelado em Artes Visuais na UFRGS. Apaixonada por arte, exploro diversas formas de expressão como aquarelista, desenhista, Foto Performer e escultora, sempre buscando transmitir mensagens e prazer visual através de minhas obras.

A obra *Reflexos fragmentados* (2023) propõe uma abordagem contemporânea e intrigante para explorar conceitos fundamentais de identidade pessoal e social. A combinação única que desafia o espectador a uma profunda reflexão sobre sua própria identidade e o papel que a sociedade desempenha nesse processo. Por meio dessa escultura, busca-se estimular um diálogo profícuo sobre as complexidades da identidade humana, incitando uma compreensão mais profunda da condição humana. O projeto oferece um convite irresistível à introspecção e ao questionamento das facetas que compõem nossa individualidade e integração social.

Reflexos fragmentados, 2023. Bacia de alumínio vermelha, olhos de boneca de acrílico, espelho, e porcelana fria. 32 x 11 cm. Fotografia João Arthur Moroni.





Windsor
18th century
The chair is made of
white pine and is
a good example of
the style.

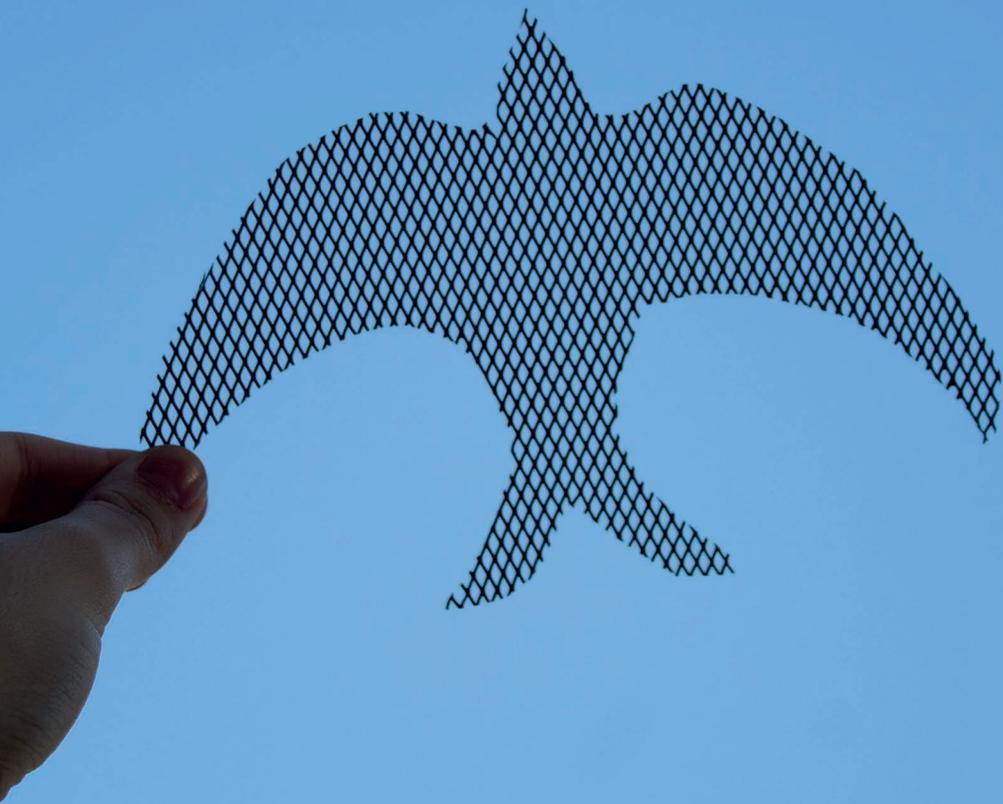


GABI SILVA (Curitiba, 1993)

Fotógrafa e graduanda em Bacharelado em Artes Visuais na UFRGS. Sua poética se estrutura a partir de práticas pessoais de meditação e minha pesquisa constante sobre a relação do humano com a natureza, a impermanência da vida, o budismo e outras filosofias orientais.

Para os povos tradicionais, diversas religiões e filosofias, os pássaros sempre tiveram um papel relevante, sendo frequentemente associados a ideias de paz, liberdade, transformação, morte e renascimento, e, sobretudo, um elo entre o divino e o terreno. Na vida moderna, os avanços tecnológicos e a urbanização podem criar uma desconexão entre o ser humano e o divino. O trabalho *Presságios* (2023) busca transmitir essa dualidade entre a vida moderna e a espiritualidade e convida o espectador a refletir sobre a necessidade de equilibrar a intensidade da vida moderna e as mudanças que esta desconexão causa.

Presságios, 2023. Alumínio expandido e linha. Dimensões variadas. Fotografia Gabi Silva.







Gawain Spareman (Porto Alegre, 1994)

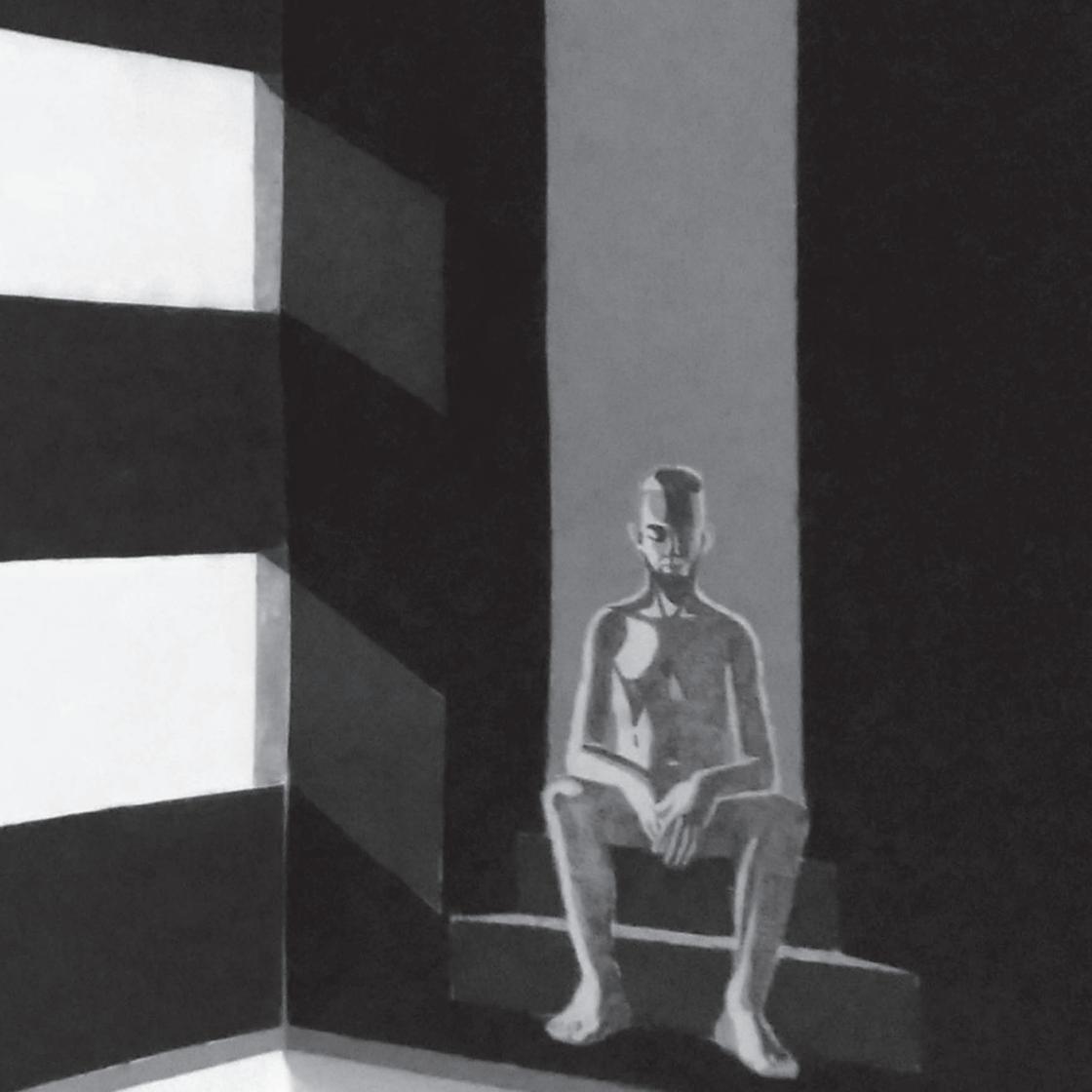
Gawain Spareman é artista visual, e através de seu deslocamento busca criar novas narrativas e interpretações sobre a rotina, incorporando em seu trabalho o poder e a possibilidade do observador sobre a realidade.

A série *Através do Novo Mundo* (2023) é um convite ao espectador para encontrar uma outra versão de si. Saindo da uniformidade trazida pelo reflexo padrão em uma forma padrão enrijecida, é possível encontrar novas possibilidades para si.

Círculo de essência, 2023. Espelhos e bacia metálica sob estátuas. 50 cm de diâmetro.
Fotografia João Arthur Moroni.







GUILHERME RADI DIAS (Maringá, 1983)

Artista visual natural da cidade de Maringá-PR, 1983. Doutorando em Poéticas Visuais. Mestre em Filosofia pela UEM. Formado em Arquitetura e Artes Visuais pela mesma instituição. Realizou exposições individuais como artista independente em diversos espaços do município de Maringá. Em 2021 realizou a proposta individual *Re[Di]ssonâncias*, no Museu de Arte Helenton Borba Cortes, contemplada pelo Edital *Convite às Artes Visuais* da Prefeitura Municipal de Maringá.

Focando as potencialidades expressivas do desenho, procura em suas inserções ativas na arte uma prática existencial em que movimenta um processo de criação visual de caráter intimista. O percurso de suas investigações poéticas compreende os aspectos fenomenológicos da solidão.

Sob o amplexo de Saturno, 2023. Pastel seco e oleoso, lápis aquarela e tinta acrílica sobre papel. 42 x 58 cm. Fotografia João Arthur Moroni.



Small text caption, likely providing details about the artwork, including the artist's name and the title.





Todo tempo tem tanto
tempo tanto tem todo
tanto todo tempo tem
tem todo tanto tempo

JOÃO ARTHUR MORONI (Curitibanos, 2000)

Bacharel em Artes Visuais. Trabalha com composições cuidadosas com o infamiliar, a fragmentação e o deslocamento de cenas banais em diversos suportes. Aqui, por meio da escrita, desenvolve um texto para gerar seu trabalho a partir da leitura.

Tem trem todo tanto tempo (2023) é um acontecimento. Um texto se forma e então, um som se repete. Surge do seguinte fato: uma vez, poucos meses atrás, conheci Tulio. Naquele momento, Tulio trabalhava com objetos encontrados na rua - muitos deles, talvez todos, eram rosas. Até então nunca percebi objetos e muito menos, objetos rosas na rua. Caminhei com Tulio pelo bairro onde moro e a primeira coisa ao dobrar a esquina: dar de cara com um brinquedo rosa atirado no chão. Depois vieram os papéis de bala e os pinos de cocaína (até já encontrei um trem de plástico no asfalto e um gnomo numa escadaria). Mais tarde, os clips de papel. Todo dia cruzava por alguns, de diversos tamanhos, cores, e nos chãos mais improváveis - como no banheiro da minha casa. Passei a contar o tempo a partir dos clips que surgem no meu caminho.

Tem trem todo tanto tempo, 2023. Impressão sobre tecido e vidro. Duas peças de 54 x 36 cm.
Fotografia João Arthur Moroni.





LARA AMARO (Porto Alegre, 1998)

Formada em Moda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e discente do curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, meu trabalho tem como ponto de partida o corpo, a partir dele, exploro o tema do feminino e da memória. No corpo com o qual viemos ao mundo, as variações genéticas infinitas que poderiam ter vindo a ser, mas não foram, carregamos as marcas do passado. Nesse corpo, vestimos uma segunda pele, talvez tão nossa quanto a primeira.

O que carregamos no corpo: as sobrancelhas de uma tia, a pinta de uma avó, ou a cicatriz de sua retirada, os pelos nos dedos do pé, um aneurisma no cérebro da avó que não conheci. O vestido da celebração de 15 anos de minha mãe que poderia ter sido feito para mim, o anel de noivado de minha vó, e as rendas compradas no nordeste do Brasil, em viagens que precedem minha existência. Renda renascença, um trabalho árduo e artesanal, as fitas delimitam o desenho e a linha, nos dedos de mulheres, dão forma. Passado de vó, mãe e filha, uma pinta, a miopia, um retalho de renda ou a habilidade de fazê-la.

Sem título, 2023. Fotografia, tule ilusão, cerâmica e linha. Dimensões variadas. Fotografia Manoela Furtado.







LUCAS STREY (Porto Alegre, 1986)

Lucas Strey (1986), natural de Porto Alegre, artista visual e doutorando bolsista CNPq. Mestre em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Meu trabalho é centrado nas relações entre corpo e cidade, utilizando a produção tridimensional com linguagem predominante em propostas de intervenções artísticas em espaços urbanos.

Aos passeadores de cachorro (experimento 1) é o título do trabalho em exibição na mostra coletiva *MARTELO TACO TACO*. No contexto da minha pesquisa de doutorado, a figura do passeador de cachorro materializa simbolicamente uma prática corporal urbana tipicamente pós-moderna. Originalmente projetado para funcionar como uma intervenção urbana, a escultura instalada no contexto da cidade, atuaria como uma espécie de monumento transitório. Esse trabalho é o primeiro exemplar de uma série em produção e após o encerramento da mostra, será inserido no contexto originalmente projetado.

Aos passeadores de cachorro (experimento 1), 2022. Técnica de construção mista: estrutura metálica, papelão e hot-melt. 190 x 100 x 70 cm. Fotografia João Arthur Moroni.







MANOELA FURTADO (São Paulo, 1989)

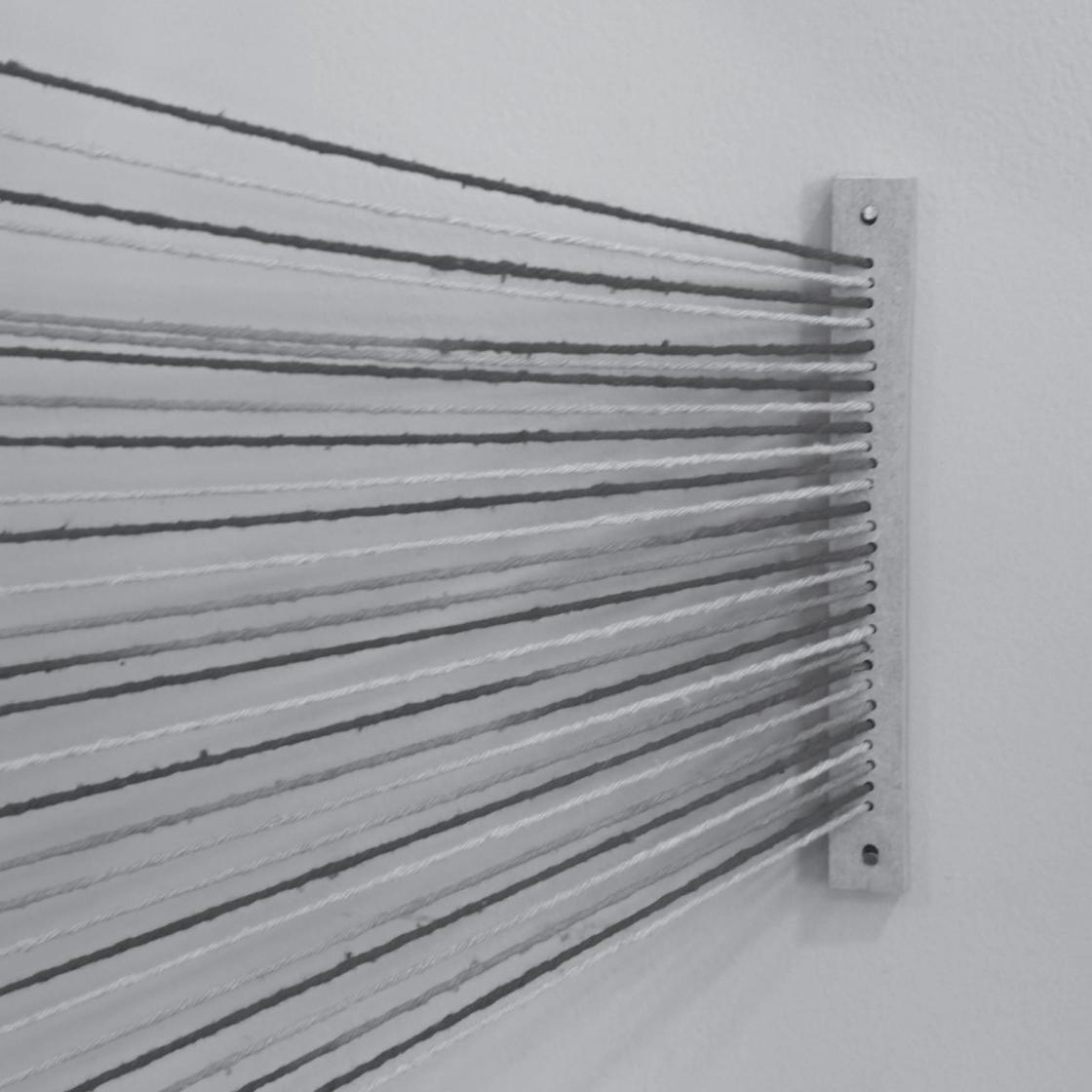
Artista visual, pesquisadora e professora. Seus trabalhos artísticos têm como foco os desdobramentos entre corpo, objeto, espaço urbano e identidade feminina. A partir de objetos que foram descartados, encontrados e coletados em seus trajetos pela cidade, desenvolve instalações, foto e videoperformances. Doutoranda e Mestra (2019) em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS). Licenciada (2013) e Bacharelada (2015) em Artes Visuais (IA/UFRGS). Professora de Artes do Município de Canoas/RS desde 2015. Vencedora do 13º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas como 'Destaque artista em início de trajetória'.

Espaço ocupado tanto por mim quanto pelos objetos que resgato da rua, minha casa é abrigo onde nos acolhemos em silêncio e comunhão. Antes de tornar-se aposento que soa como esboço para qualquer composição que venha a ser feita, é local de convivência diária, enunciando vínculos afetivos a partir da experiência deste habitar conjunto. A presença de corpos que habitam a mesma morada pulsa em pertencimento. Quando objetos são desprezados, retirados e afastados de seu lugar originário - desferidos na cidade -, minha casa verte em paliativo, oferecendo um pouco de dignidade a estas reminiscências.

A presença de corpos que habitam a mesma morada pulsa em pertencimento, 2023. Instalação (porta, janela, lâmpada fluorescente e suporte, escada, refletor, chaves, treliça de madeira, maçaneta, colagem emoldurada). 206 x 201 x 50 cm. Fotografia André Netto.







SOFIA KAFRUNI (Porto Alegre, 2000)

Graduanda em Bacharelado em Artes Visuais pela UFRGS, trabalho principalmente com cerâmica e fotografia, mas tenho explorado outras linguagens visuais para sair da minha zona de conforto e crescer como artista. Costumo criar obras relacionadas a memória e a natureza.

Presas (2023) é um trabalho que se transforma dependendo do ambiente que está, a iluminação muda e sua disposição também, ele passa por constantes metamorfoses mas ao mesmo tempo permanece igual, é uma obra que dialoga com as constantes mudanças que passamos para nos encaixarmos ao nosso redor, sem perdermos a nossa individualidade.

Presas, 2023. Lã degradê, arame e argila. Dimensões variadas. Fotografia João Arthur Moroni.







TAKS

TAKS é artista visual e designer. Frequentou o Atelier Livre Xico Stockinger e é bacharelando em Artes Visuais na UFRGS. Tem graduação em engenharia e pós-graduações em Design de Produtos. Recebeu os prêmios TOP XXI Revista Arc Design, 16º e 21º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, VII Prêmio House e Gift de Design e Salão Design Casa Brasil. Participou das exposições coletivas O Baile na Galeria Lunara, Ensaios no Atelier Livre Xico Stockinger e Ilustrãe na Fabico.

Procuro a beleza invisível do significado de cada instante. Vazio pleno de possibilidades à espera de nossa ação. Como tocar e ser tocado por este momento que é a própria vida se fazendo? Meu trabalho é um mergulho na poesia da vida para refletir sobre o vazio, a presença e a plenitude.

CUIDADO : CHAMA

O que te chama?

Incendeia a vida? Ou apenas distrai?

Inspira? Ilumina? Importa?

CUIDADO : CHAMA

CUIDADO : CHAMA, 2023. Instalação (tecido modelado a fogo e leds). Fotografia João Arthur Moroni.







TIAGO GASPERIN (Farroupilha, 1997)

Artista visual, graduando no bacharelado em artes visuais pela UFRGS e graduado em design gráfico pela FADERGS. Em 2021, participou da mostra digital do Festival Imaginários Urbanos (Fortaleza - CE) e, em 2022, da exposição virtual *Tourist in your own home* (Berlim - Alemanha), ambas junto do coletivo Território de Rupturas. Em 2023, apresentou, junto de Thainá Gabriela e da dupla Ío, uma instalação site-specific no Centro Cultural da UFRGS. Nesse mesmo ano, realizei a primeira edição do *Beirada*, happening independente produzido junto de Marcela Futuro. Através de sua pesquisa, pretende pensar sobre regras e padrões pré-determinados que estão impregnados em locais da “vida comum”, criando propostas que operam num movimento constante de geração de novas lógicas em sua relação com o espaço. Uso do nonsense como um meio para produzir rupturas de uma visão comum e deixar que as possibilidades de agência que temos nos espaços se tornem aparentes.

Nas *Ferramentas para medir espaços* (2023), crio uma caixa de ferramentas que se assemelha às bandejas utilizadas pelos vendedores ambulantes. Nela, uma série de objetos que acredito serem capazes de interagir com a nossa percepção do espaço são dispostos juntos de fotografias da obra sendo ativada na rua, buscando incitar um uso (mesmo que imaginário) do observador.

Ferramentas para medir espaços, 2023. Objetos e fotografias. Dimensões variadas.
Fotografia: Gabi Silva; João Arthur Moroni. Marcenaria: @materialgratis.







TIAGO JOSEFIAKI (Teutônia, 1998)

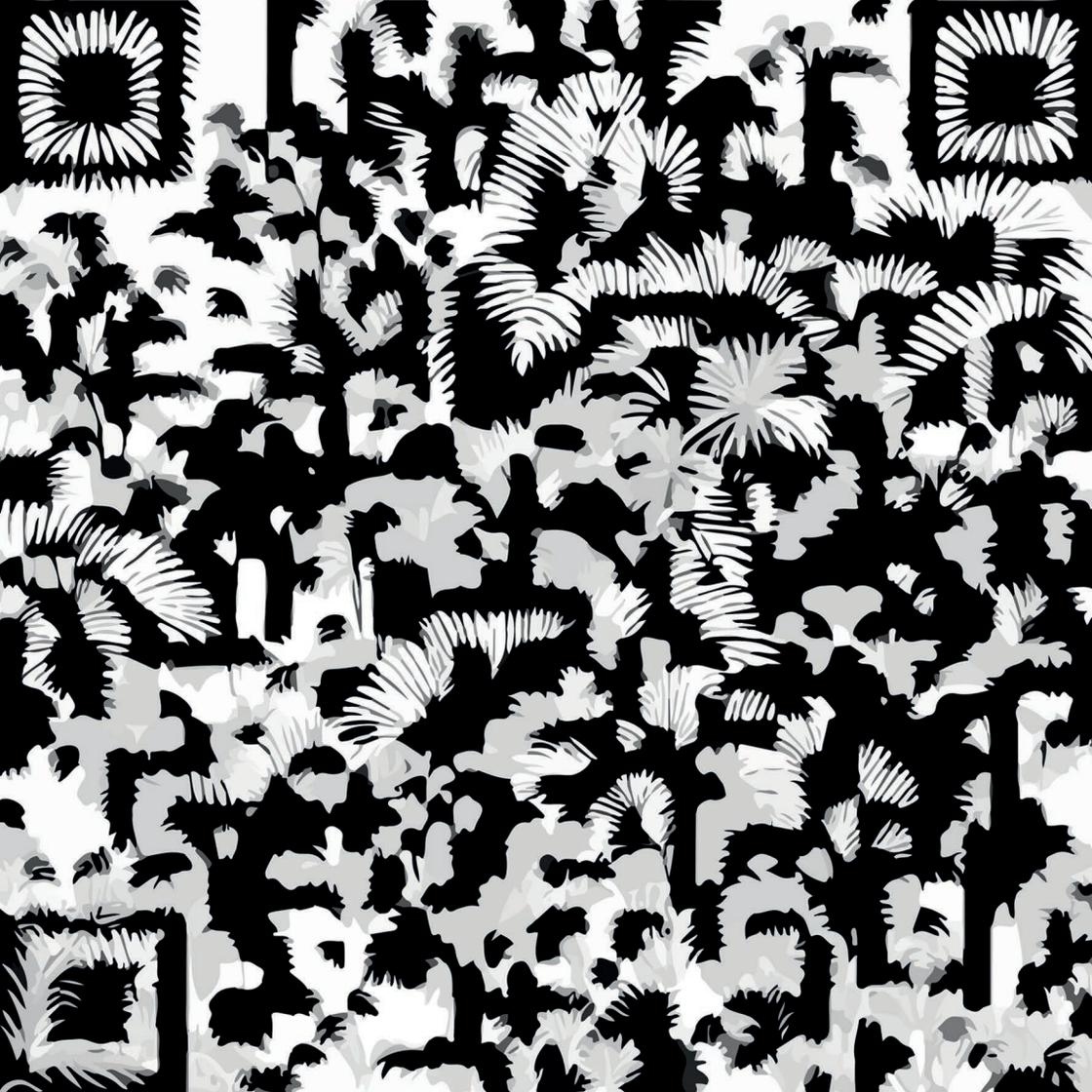
Começou a estudar arte durante a infância, explorando pintura, desenho e escultura. Atualmente cursando uma graduação em Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sua produção se concentra primordialmente na pintura e escultura, utilizando essas mídias para abordar o conceito de pós-humanismo através da fusão de fluidos metálicos e viscosos com a própria matéria humana, que se alastram pelo espaço pictórico construindo formas abstratas. Os materiais utilizados nas esculturas buscam dar forma à espacialidade da carne humana e o ciborguismo, entre eles o poliuretano, tintas, metais e o látex. O artista propõe um futuro híbrido visceral entre a carne e o metal, refletindo a construção da identidade humana através de interferências tecnológicas que reconfiguram nossa existência. Insinuando o nascimento de figuras hiper-humanas, que transcendem a composição natural enquanto as noções de pertencimento se esvaem.

Linguagem corporal, 2023. Escultura, espuma de poliuretano e látex. Dimensões variadas.
Fotografia João Arthur Moroni.







WILLIAM FIGUEIREDO (Novo Hamburgo, 1992)

Atualmente reside em Porto Alegre/RS. Artista visual, pesquisador e jornalista. Seus trabalhos artísticos têm como foco os desdobramentos transmidiáticos entre arte, tecnologia e o espaço urbano. Mestrando em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS), Especialista em Artes Visuais (PPGArtes/UFPEL-UAB) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (ULBRA), com atuação em estudos das mídias sobre ambiência, memória e experiência - ProICT (2013-2015). Pesquisador no Grupo “Objeto e Multimídia” (OM-LAB/CNPq). Vencedor no I Congresso Internacional Sobre Artes Digitais (Universidad de Sevilla-Esp) na categoria ‘Obra de Arte’ (2022), pela obra “Revolución de las máquinas nº 00110100”, feita com inteligência artificial.

Com quantos vestígios se faz a memória? A partir dos meus deslocamentos pela cidade, busco vestígios da natureza refletida na tridimensionalidade do espaço urbanizado. O papel que lambe realidades aumentadas do que ocultamos e do que revelamos da natureza do nosso testemunho perante a vida. Vestígios coletados na turbulência tranqüila de sensações desconstruídas do cotidiano. Entre árvores e esquecimentos, um ecocídio em desenvolvimento jaz uma árvore em tronco, nas ruas de Porto Alegre, nas ruas da América Latina. Em frente ao IBGE, um dado que agora vem a público deslocado da sua origem, um som que incessante rasga o espaço-tempo: qual o vestígio do futuro que plantamos?

Vestígio, 2023. Lambe-lambe, QR code, IA txt-img, Realidade Aumentada, escaneamento 3D e som. 90 x 90 cm. Dimensões variadas. Imagens de William Figueiredo.







YASMIN SCHLUPMANN (Porto Alegre, 1998)

Desde 1998, em Porto Alegre e em alguns outros lugares, tenho tentado me encontrar. Até agora, encontro um pouquinho de mim nas mais diferentes áreas, na arte, nos jogos, no futebol, no efêmero, no fantástico... Meu trabalho artístico dialoga com as cores e com o fantasioso.

Em *Efemeridade Holográfica* (2023), utilizo-me de espuma de poliuretano e papel adesivo holográfico para criar a atmosfera que as nuvens transpassam com suas cores efêmeras. A luz direta no objeto e a mudança de posição do espectador realçam o brilho, a forma e as cores transmitidas pelas nuvens.

Efemeridade holográfica, 2023. Espuma de poliuretano, papel adesivo holográfico. Fotografia João Arthur Moroni.





Informações gerais

Artistas:

Ali Galant

Alice Caumo

Ana Janaína Peruffo

Du Ribeiro

Gabi Silva

Gawain Spareman

Guilherme Dias

João Arthur Moroni

Lara Amaro

Lucas Strey

Manoela Furtado

Sofia Kafruni

Taks

Tiago Gasperin

Tiago Josefaki

William Figueiredo

Yasmin Schlupmann

Curadoria:

Ana Janaína Peruffo

Lara Amaro

Taks

Organização:

Tetê Barachini

Exposição Martelo Taco Taco, foi realizada no período de 18 de agosto até 14 de setembro de 2023, no Mantra Gastronomia e Arte, Rua Castro Alves, 465 - 2º andar, Rio Branco, Porto Alegre.

Montagem da Exposição:

Alice Caumo, Ali Galant, Ana Janaína Peruffo, Du Ribeiro, Gawain Spareman, Gabi Silva, Guilherme Dias, Lara Amaro, Lucas Strey, Manoela Furtado, João Arthur Moroni, Sofia Kafruni, Taks, Tiago Gasperin, Tiago Josefaki, William Figueiredo, Yasmin Schlupmann e João Vitor Lemos.

Convite e capa do catálogo:

Gabriela Bittencourt

Catálogo projeto gráfico:

Bruna Freitas

Fotos:

João Arthur Moroni, André Netto, Manoela Furtado,
William Figueiredo.

Atividade vinculada à disciplina “*Esculturas e Espaços Contemporâneos*” e ao projeto de extensão “*Projeto VIA: Espaços transmutáveis*” sob a coordenação da Profa. Tetê Barachini (IA-UFRGS). Soma-se a estas relações a prática de estágio de Docência da Doutoranda Manoela Furtado.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Reitor Carlos Mendes
Pró-reitora de Extensão Adelina Mezzari

Instituto de Artes
Diretor Raimundo Cruz
Chefe Departamento de Artes Visuais Jéssica Becker
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais Teresinha Barachini



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M376 Martelo taco taco taco / Tetê Barachini, organização ; Ana Janaína Perufe, Lara Amaro, Taks, curadoria ; Ali Galant ...[et al.], autor e artista. Dados eletrônicos (1 arquivo). – Porto Alegre : UFRGS/IA, 2023.
40 f. : il., color.

Formato: pdf

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 9786559732722 (on-line)

1. Artes visuais. 2. Catálogo de exposição. 3. Escultura. 4. Espaço. I. Barachini, Tetê. II. Perufe, Ana Janaína. III. Amaro, Lara. IV. Taks. V. Galant, Ali.

CDU 7.039

